

Grupo dos Sete decide apoiar o Plano Brady

3 ABR 1989

WASHINGTON (Do Correspondente) — Depois de um dia de intensas reuniões numa fazenda nos arredores desta capital, os ministros de Economia dos países industrializados — EUA, Japão, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, França, Itália e Canadá — decidiram apoiar as propostas sugeridas há três semanas pelo Secretário do Tesouro dos EUA, Nicholas Brady, para reduzir o estoque da dívida dos países em desenvolvimento. E ao fazê-lo, eles enfatizaram dois aspectos: as operações de redução do principal e do serviço têm de ser voluntárias e resultantes de negociações diretas entre os países e os banqueiros e, ao concordar com a redução, os bancos devem encará-la não como um fim em si, mas sim “como um complemento de novos empréstimos” — conforme diz o comunicado divulgado pelos países ricos à noite.

Só poderão se candidatar a esse esquema os países que estiverem adotando “substanciais reformas econômicas”. Os ministros dos países ricos disseram ainda que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional deverão “dar os passos adequados, de acordo com os seus princípios já estabelecidos” para facilitar essas operações, além de dar ênfase a medidas que atraiam novos investimentos para os países e promovam a repatriação de capitais. Esse apoio do FMI e do Bird, diz o documento, deve ser concretizado através da dotação de uma verba que seria retirada da carteira de empréstimos que os dois organismos têm para financiar reformas econômicas estruturais.

“Além disso, as duas instituições deveriam examinar o estabelecimento de um apoio limitado ao pagamen-



Barber Conable

to de juros para transações envolvendo significativa redução da dívida ou de serviço da dívida” — diz o documento, sem estipular, no entanto, a quantia que seria dedicada a tais operações. Os países ricos decidiram, ainda, rever os seus próprios regulamentos fiscais e contábeis “com o fim de eliminar obstáculos desnecessários às transações de redução da dívida”.

Duas reações registradas ontem mostram que os avanços são mais lentos do que se esperava. O Ministro de Economia da Holanda, Onno Ruding, disse que não se deve esperar milagres: “as pessoas não devem esperar que o dinheiro já comece a rolar dos cofres do Bird e do FMI nesta terça-feira (quando termina a sua reunião conjunta) para quem chegar lá primeiro”.

O Ministro Mailson da Nóbrega deu a versão dos devedores:

— A expectativa na América Latina é muito grande, para muitos é até exagerada. E a mensagem que estamos recebendo aqui é clara: que não fiquemos eufóricos e que comecemos a nos movimentar mais. Cada país terá de fazer o seu próprio esforço — disse ele.

Segundo Mailson, o governo americano tem estimulado o Brasil a conversar com seus credores, para iniciar um programa de redução substancial. O que mais se discute é o índice de redução que cada país conseguiria obter. O Ministro brasileiro negou-se a revelar as estimativas do Governo. Mas disse que uma redução de 20% — conforme a sugestão do Secretário Nicholas Brady — é tida como insuficiente pelo Brasil. Isto porque, a redução real seria de apenas 12% do estoque da dívida, pois o Plano menciona o débito junto aos bancos comerciais. E o Ministro defende que uma redução real de 20% é que seria ideal.

Um dos sinais de que as discussões do Plano Brady ainda vão demorar mais do que se imaginava foi dado pelo Presidente do Banco Mundial, Barber Conable, ontem de manhã. Ele disse aos ministros do Grupo dos 24 — o grupo dos devedores — que o Bird e o FMI acabaram de constituir uma comissão especial para estudar detalhes do plano americano. E quando Mailson lhe perguntou quando esse grupo chegaria à uma conclusão, Conable respondeu que não havia um prazo e ele não tinha idéia de quando isso poderia acontecer.

Apesar da lentidão do processo, o Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, acha que a proposta americana é hoje a única esperança dos devedores.